



DIALETOS DE IDENTIDADE ÉTNICA RACIAL ANCORADA NOS CENÁRIOS DA PRÁTICA DE PODER

Marcieva da Silva Moreira*

Robison Raimundo Silva Pereira**

RESUMO

Neste artigo propomo-nos analisar como se desenvolve as mudanças culturais de identidade étnica, em processo da prática de poder nos cenários educacionais contemporâneos. Até por que diante da contextualização da sociedade do final do século XX aos dias atuais, busca-se compreender as fragmentações e disciplinas que envolvem o corpo e o espaço que o indivíduo se encontra em razão da hierarquia de poder. O estudo se desenvolveu através de diálogos bibliográficos entre Anete Abramowicz, Lucia Barbosa, Valter Roberto Silvério (2006), Bourdieu (1992, 2005 e 2013), Michel Foucault (1979, 2012), Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2011), Pedro Demo (2005), Regina Pahim Pinto e Fúlvia Rosemberg (2011), Stuart Hall (2005), Hengemunhe (2010). Os resultados identificam que a cultura étnica racial é uma das mais segregada e prejudicada no campo educativo, onde a maioria dos 63% da população negra é negligenciada diante dos sistemas de poder, sem participação no diálogo da escola e nas expressões do ser. O negro precisa ter espaço para o diálogo, para a aprendizagem e a construção de sua própria identidade, em razão institucional, econômica, social e cultural.

Palavras-Chave: Identidade. Prática educacional. Poder.

ABSTRACT

In this article we will consider how to develop the cultural changes of ethnic identity in the process of the practice of power in contemporary educational settings. Even by that given the context of the late twentieth century to the present day society, we seek to understand the fragmentation and disciplines involving the body and the space that the individual is because of the power hierarchy. The study was developed through dialogues between bibliographic Anete Abramowicz, Lucia Barbosa, Valter Roberto Silverio (2006), Bourdieu (1992, 2005 and 2013), Michel Foucault (1979, 2012), Nilma Lino Gomes and Petronilla Beatriz Gonçalves e Silva (2011), Pedro Demo (2005), Regina Pinto and Fulvia Rosemberg Pahim (2011), Stuart Hall (2005), Hengemunhe (2010). The results identified that racial, ethnic culture is one of the most segregated and prejudiced in the educational field, where the majority of 63% of the black population is neglected before power systems without participation in the dialogue of the school and in the expressions of being. The black needs to have space for dialogue, for learning and building your own identity in institutional reason, economic, social and cultural.

Keyword: Identity. Educational practice. Power.

* Graduada em pedagogia, IX Bloco –UESPI, participa do NEPE – Núcleo de Estudos em Políticas Educacionais e Diversidade.

** Docente da Universidade Estadual do Piauí. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de São Carlos.



1 INTRODUÇÃO

Neste artigo propomo-nos analisar como se desenvolve as mudanças culturais de identidade étnica, no processo das práticas de poder e nos cenários educacionais contemporâneos, sobretudo, em perspectiva dos desafios da educação. Até por que a contextualização da sociedade do final do século XX percorrem até os dias atuais, nas fragmentações e disciplinas que envolvem o corpo e o espaço que o indivíduo se encontra e na hierarquia de poder. Um dos questionamentos relevantes da pesquisa é a problemática: por que os cenários da educação se tornam a ser um dispositivo de exercer o poder e não de mudanças de identidade étnicas e socioculturais?

Esse processo de transformação é fundamental para compreender as diversas manifestações de identidades existentes na modernidade e na dimensão étnica racial que fica ancorada em práticas de hierarquia de poder. É muito abrangente quando se fala de identidade, mas existe todo um aparato pedagógico e político para a discussão.

Nesse sentido a proposta deste trabalho é investigar quais os mecanismos de poder interferem nos espaços educacionais que inibem as variações de identidade étnico racial, e as contextualizações na ordem do poder. Pois existem questões de fragmento e de pertencimento cultural, social, linguístico e religioso, buscando alternativas para a prática na sala de aula e no meio escolar.

Este estudo se justifica em razão dos temas abordados no grupo de pesquisa NEPE, em sala de aula, e de observações da prática escolar, acerca da prática de poder e em processo da diversidade de identidades étnico racial dos cenários educacionais. Pois percebe-se a necessidade de contextualizar e trabalhar a quebra do preconceito, tornando-a como base a prática do âmbito escolar e afirmativo.

Para o desenvolvimento do trabalho dialogamos com os seguintes autores: Anete Abramowicz, Lucia Barbosa, Valter Roberto Silvério (2006), Bourdieu (1992, 2005 e 2013), Michel Foucault (1979, 2012), Pedro Demo (2005), Regina Pahim Pinto e Fúlvvia Rosemberg (2011), Stuart Hall (2005), além de debate e apresentações dos temas nos grupos de estudos, e em sala de aula. Onde há uma necessidade de compreensão e de debates referentes a diversidade étnico-racial e prática de dominação relacionado ao poder.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Identidade: reflexos de desenvolvimento em uso afirmativo

No entanto vale se ressaltar que falar sobre identidade, envolve uma série de contextualização, no assunto relativista da sua essência, pois é algo que vem sendo questionado desde o período do iluminismo.

Para compreender o processo de construção de identidade é necessário relativizar diante das três concepções de identidade do sujeito como: iluminista, social e pós-moderno, pois cada uma das características se relacionar as capacidades de razão, de consciência e de movimento no detrimento de conhecimento sobre o ser humano.

Argumentar-se em sentido que a identidade em termos culturais, é um fato indispensável para a construção de sujeitos concretos em função do social e cultural, segundo Ramos (2009), interagir as demais identidades, envolve relações de movimentos tanto do grupo social quanto do íntimo.

É sabido que a identidade não é algo unificado e estável, pois ela se fragmenta, e é nesse mesmo processo que corresponde às transformações e variações tanto da cultura como da sociedade em razão da mudança e dos conflitos.

Como afirma Hall (2002, p.07).

[...] “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

No entanto faz necessário destacar que a identidade que existem no próprio ser humano é contraditória, e merece confronta-las com as múltiplas realidades do ‘eu’, até por que entender o sujeito propõem se relacionar as concepções de identidades, afirma Hall (2002) é demasiadamente complexa, e muito pouca compreendida na ciência social.

Atualmente entender os reflexos da identidade étnica racial é relacionar aos processos de globalização, social e a cultura, pois a sociedade convive com a mudança constante Ainda com Hall (2002, p.15) ‘[...] áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social [...]’

Em questão das articulações de identidades, traz contextualização bastante abstrata, pois os processos de mudança tanto na área política e cultural são fragmentados, mas a especificidade de cada uma são levadas ao: sexual, étnico racial, social, político e ecológico.

A identidade se constrói através da diversidade dos grupos sociais, e da luta nos relacionamentos sociopolítico e histórico da sociedade, Assim como Ramos (2009), da

mesma forma que as demais identidades são construídas a negra também se envolve pelas relações sociais, ela é marcada nas práticas de reafirmação.

Entanto apropria-se da identidade do “eu”, é reconhecer sua própria origem, no entanto construir uma identidade étnica racial é perceber suas capacidades de consciência e ação diante do seu interior.

Ao relacionar os fatores culturais, de globalização e histórico percebe-se que a tanto a identidade mestra, como a negra não é um processo único, ou seja, todos são fatores de diferentes produções como a religião, artes (plásticas, musical e corporal), culinária.

Ainda com Hall (2009, p.21).

[...] A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade [...].

Partindo para fundamentação da temática étnico racial, pode entender que ela se constrói e se desenvolve através das particularidades histórica e de consciência aos seus aspectos religioso, cultural, social e regional, até por que vivemos em um país que a multiplicidades de cultura é evidente e o que pode muda é o reconhecimento e a afirmação do ser negro enquanto sujeito participativo da sua história e cultura.

2.2 Educação: como prática de poder

Entender a educação requer conhecer a história e as práticas que se amplia através da mesma, mas é uma relação de separação, entram capitais e classes de poder que perpassam todo um tempo histórico Dialogando com Foucault (2012) O poder se articulam diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante sua utilização.

A questão não se resume somente na diversidade de conhecimento, mas como as estruturas que colaboram para a determinação das forças em campo de significação de classe, onde a dialética é negligenciada, pois o discurso torna uma linguagem inacessível para a classe proletariado se colocando a zona de poder e de seleção onde os quem tem acesso são aqueles que estão dentro do aparelho do estado.

Como afirma Foucault (2012, p.161).

[...] pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças).

Repensar a educação, requer uma variedade de mecanismo, por que elas se manifesta sobre várias constituições tanto positivo como negativa, se baseiam na construção de saberes, dos discursos, dos domínios, todos são processos que o meio educacional pode proporcionar, mas no entanto é uma forma de poder.

A prática do poder é uma forma que tem caráter repressivo, mas também possui uma força que permeia o não e o sim, que constrói, ensina, produz saber e discursos pôr uma mediação que atravessa as barreiras hierárquicas do corpo social Dialogando com Foucault (2012) produtiva do poder só pode ser assegurada se por um lado ele tem possibilidade de se exercer de maneira contínua nos alicerces da sociedade.

Embora a prática sejam parciais e fragmentadas, ela pode proporcionar obstáculos necessários para a variação do discurso e da aplicação e interação entre a teoria e a prática nas barreiras existenciais dos cenários de poder.

O sistema de poder não se justifica somente nas instâncias dominantes, mas em toda parte da sociedade, o discurso e o saber no sistema capitalista invalidam a luta contra as formas de discriminação de poder.

Como afirma Gadotti (2006, p. 147).

Hoje, ele se encontra no seu próprio interior, pela própria necessidade do seu crescimento. O sistema escolar seria, então, o grande instrumento do capitalismo na preparação de “mão de obra” improdutiva, responsável pela criação e desenvolvimento de uma classe média em expansão com a própria expansão do capital.

Em contraponto estamos em uma sociedade que se fundamenta em uma genealogia de saberes contínuos, descontínuos, positivistas, hierárquicos, científicos e antes científicos, na qual a proposta é lutar contra os efeitos de poder centralizados no único discurso científico, a razão da politização está na diversidade dos discursos, utilizando-se da genealogia para o combate de poder individual.

Onde esse discurso não se justifica somente em detrimento dos cenários da prática, mas no trabalho, na casa, e nas relações biológicas, esse aspecto de gênero gira na razão do

poder entre homens e mulheres, tornando na prática educacional uma distinção de visão e divisão entre o masculino e feminino.

A condição de transformação que a educação se encontra visa um poder institucional e de mecanismos que a sociedade pode trazer, nas relações étnicas, políticas e de sexos, onde essa reprodução partir das primeiras interações a Família, a Igreja, a Escola que agem no interior das estruturas e do indivíduo.

2.3 Relações raciais: para além da prática de reprodução educacional.

Uns dos grandes desafios étnicos mais contundentes e urgentes, em particular para práticas democráticas, são levar a sério as particularidades da diversidade em relação ao respeito da convivência humana.

Em detrimento do aspecto da ética, em processo de transcendência da educação, buscar-se todo um reconhecimento de qual sujeito estamos se relacionando em meios os processos sociais.

Atualmente trabalhar e vivenciar as relações raciais no cotidiano escolar requer um conhecimento multicultural em decorrência da ética plural e singular, usando-se de mecanismo que envolva o indivíduo no seu contexto histórico-estrutural dialético.

‘Essas relações estimulam grupos que se encontram marginalizados pela reprodução de poder na sociedade e nas instituições a construir uma extensão de qualidade de pertencimento e reconhecimento da sua liberdade cultural Ainda com Gadotti (2006, p.55)’. ‘[...] A evolução humana só pode ser concebida como o desenvolvimento desta riqueza social, no sentido da universalização dos bens e das faculdades de todos os indivíduos [...]’.

Atualmente vem se trabalhando contra o preconceito, e as desigualdades étnicas em razão de uma única aceitação por brasilidade, e não como indivíduos participantes da cidadania.

Há uma presença étnica racial nas escolas, onde ela própria se redefine em rendimento e interrupção da aprendizagem. Dialogando Oliveira (2006) Há um conflito interno no próprio sujeito e com o seu grupo de origem, o qual, o sujeito rechaçado tentar relegar, repassando para o grupo de negação.

As escolas de hoje assumem práticas reprodutoras cultural, que se transmite no interesse da sociedade, embora ela seja uns dos métodos de preservação das tradições da história, é uma forma de segregação e exclusão das diversas culturas inserida ao longo do processo histórico.

Onde repassa uma estrutura de classes, cultural e ideológica, a instituição educacional é o estabelecimento priorizado para reconhecer a pluralidade e a democracia, esse espaço deve ser multicultural.

Como afirma Oliveira (2006, p.212).

O compromisso da educação com a formação dos sujeitos que se coloquem a serviço da promoção humana deve perpassar toda a educação, em todos os seus níveis, por que não há incompatibilidade entre os valores humanos e os conhecimentos científicos e filosóficos selecionados para os currículos dos diferentes níveis de ensino.

A proposta da Lei 10.639/03 é transformar nas práticas e na sociedade visões conservadoras, pois colocar a história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino causa um grande benefício as relações para as quebras das reproduções de práticas racistas e conservadora sobre o negro no seu espaço social.

A relevância está na desconstrução da prática racista no campo educacional em processo da construção de novos espaços de diálogos e representações afirmativas, até por que o conhecimento se transforma de forma direta na coletividade e nos conflitos do meio social.

Tudo se relaciona em processo de ações e objetividade, mas é importante se utilizar de uma dialética de significação da sociedade em razão das relações para a diversidade, por que o movimento da interação proporciona a transformação.

A prática educacional pode buscar por mudança nas hierarquias de poder, por que a transformação pode ser possível, mas se utilizamos de contradições e contestações, através da dialética, a mesma se consubstancia ao um estudo profundo da história social.

Ainda com Gadotti (2006, p.60).

[...] Da concepção idealista da educação, que crê na possibilidade de uma mudança através da consciência e da quantidade de educação, a concepção dialética da educação, baseada na análise concreta das relações existentes no trabalho, sustenta que o processo de emancipação do homem é antes de mais nada econômico, histórico e não espiritual.

A educação e a prática da escola de fato só podem haver mudança para diversas relações, se a pedagogia interagir a questionamentos modernos. Pois todas as relações que o indivíduo se interage, se baseia na educação e na cultura da sociedade, a produção impõe

sobre o meio a desigualdade de classes, etnias e de cultura, por que o homem se transforma, mas o meio traz uma realidade materialista, que o faz se desenvolve em sua totalidade de produção.

O ser humano se condiciona a um processo social, na qual causa um conjunto de relações e ações como econômica, histórica, cultural, onde pode levar uma dominação física ou mental Dialogando com Gadotti (2006, p.79) ‘[...] Caímos no autoritarismo, na qual também não existe educação, mas domesticação ou puro adestramento [...]’.

Embora a educação possa ser um campo de poder, é somente através da mesma que pode haver uma transformação tanto social quanto intelectual, por que o meio do trabalho traz uma desigualdade e alienação, em razão da superestrutura e infraestruturas das instituições e da escola na razão de proporcionar maturidade ao indivíduo.

As relações étnicas raciais para além da prática de poder, envolve toda uma contextualização capitalista, pois o negro ainda é produtor do meio, e o mesmo se resulta de uma autoridade de produção de poder na liberdade afirmativa e na contextualização política, onde o conflito permitir quebrar as barreiras existentes do racismo e das classes camufladas nas instituições da educação.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da metodologia adotada na investigação, instrumentalizamos a pesquisa descritiva, pois associam-se aos objetivos propostos no levantamento das informações e descrição das características mais significativas, onde há uma identificação das relações entre as variáveis, pretendendo determinar sempre a natureza da pesquisa (Gil, 2009).

Para o delineamento da pesquisa utilizamos o método observatório do campo estudado, que consiste essencialmente em submeter os objetos de estudo à influência de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador, para observar os resultados esta produz no objeto (Gil, 2009a, p.16).

A proposta adotada no percurso da abordagem da pesquisa destacada foi: a abordagem da investigação, o campo da pesquisa que foi a Escola Antônio Nivaldo, os sujeitos do estudo alunos negros do 5º ano do ensino fundamental, e os instrumentos e técnicas de coleta sendo: observação do ambiente escolar e questionários direcionados aos docentes da escola e análise dos dados as concepções gerais do assunto estudado e concepções e análises de toda pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer uma abordagem de reflexão diante da educação em razão da identidade étnico racial traz uma reflexão na dialética, pois todo sistema educacional tem um caráter disciplinador, onde funciona como um mecanismo de privilégios específicos de forma de hierarquia da lei.

A cultura étnica racial é uma das mais prejudicadas nesse campo educativo, que é a escola, pois está enquadrada em um sistema de segregação, onde a maioria dos 63% da população negra é negligenciada diante dos sistemas de poder, sem participação no diálogo da escola e nas expressões do ser.

A todo o momento é construído uma identidade na escola, em relação aos indivíduos para o ensino-aprendizado, tampouco a negra que está inserida como na maioria das vezes e é negligenciada pela sua cultura, seus traços biológicos e os seus socioeconômico.

Na prática educacional existe todo um diálogo sobre a construção da sua própria identidade, pois ela é uma divisão de classificações de classes e culturas, onde os méritos só surgem de acordo com as escalas econômicas.

No entanto falar do reconhecimento do negro na história, propõem uma análise no percurso da educação, pois faz-se um levantamento que a própria cultura é um elemento de separação e violação nos movimentos, pois trabalhar as relações étnicas chega-se a ser limitado, pois o racismo interfere no desenvolvimento dos movimentos negros e nos próprios gestos e atitudes.

O olhar do docente em proposta da construção de identidade torna-se indispensável, pois perceber as mazelas que se encontram nas áreas pedagógicas, busca uma relevância nos questionamentos do papel do negro no campo de ensino.

O negro precisa ter espaço para o diálogo, para a aprendizagem e a construção de sua própria identidade, e não somente cumprir as normas de um sistema que aprisiona barreiras institucionais, econômica, social e cultural.

Desde a década de 70 o movimento negro vem buscando unificar um diálogo sobre a luta da população em processo da educação, mas vale criticar que essa mesma tem um papel muito lento no campo da diversidade, por que os manifestos foram fatores importantíssimos para o desenvolvimento da prática de ensino, mas ainda hoje em pleno século XXI se encontram resquícios de tradicionalismo e racismo no contexto educativo.

Com grande aumento do capitalismo tanto as culturas menos abastecidas, como a escola sofrem as consequências, por conta da grande produção, aonde a escola vai se transformando em depósito de informação e não construção e transformação da sociedade.

A LDB, através da lei 10.639/03 e 11645/08, dar até um grande salto para a conquista do respeito e igualdade cultural de cada indivíduo que possuir sua história entrelaçada na África, mas ao lado da constituição e LDB, tem um fator imprescindível para o desenvolvimento da história e cultura-afro brasileira nos ensinos, que é a prática, sem ela torna-se inacessível a sua efetivação.

O ensino da educação está liderado a uma cultura totalmente burguesa, onde o monopólio se volta às redes privadas, onde a exigência se volta somente ao capitalismo industrial e cultural das massas, fazendo assim um mascaramento de desenvolvimento e globalização.

Então faz a seguinte conclusão à prática é um espaço para a contestação pedagógica e dialética ao coletivo, onde visa um bem social aos indivíduos e não somente uma segregação, mas é fundamental repensarmos como um espaço de politização ao corpo escolar e o docente pois ele tem um papel relevante na construção afirmativas das diversas culturas existentes no ambiente escolar.

Não basta repensamos somente como proposta de ensino, mas tampouco como formação para a vida participativa, para o trabalho, e para a globalização que existe nos micros cenários de poder, onde o pequeno grupo detém as regras e a grande massa sofre as misérias do capitalismo e do racismo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **La nobreza de Estado**: educación de elite y espíritu de cuerpo. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean- Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1992.

DEMO, Pedro. **Éticas multiculturais**: sobre convivência humana possível. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. **As relações cotidianas e a construção da identidade negra**. UFMA, Maranhão. [S.L]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200013>. Acesso em: 27 Nov. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. (Tese de Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, SP, 2002. In: **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?**, UFMG, MG. [S.L]. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004>. Acesso em: 27 Nov. 2013.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HENGEMUHLE, Adelar. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Raquel de. **Tramas da cor: enfrentando o preconceito no dia-a-dia escolar**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PINTO, Regina Pahim. et al. **Relações raciais no Brasil: pesquisas contemporâneas**. São Paulo, 2011.

SOUZA, Maria Elena Viana (Org.). **Relações raciais no cotidiano escolar: diálogos com a Lei 10.639/03**. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.